

## Editorial n.º 18 – Ambiente de negócios (parte 1)

Vamos, nas próximas semanas, **falar sobre o ambiente de negócios** em Angola.

O **principal problema da nossa economia** reside na **escassez de capital!**

A **primeira tentativa de acumulação de capital**, liderada pelo anterior presidente, revelou-se **pouco eficiente** do ponto de vista económico, **ilegítima** do ponto de vista moral e **ilegal** do ponto de vista jurídico. O actual Executivo, pelo menos até agora, **substituiu a acumulação primitiva de capital pela acumulação nenhuma de capital!**

**Não há capitalismo sem capital** e, tanto quanto conheçamos, no mundo de hoje não há libertação das restrições da oferta sem capitalismo. Só este sistema de produção conseguiu criar uma capacidade produtiva tal que **inverteu o problema basilar da economia**: passámos **de uma escassez endémica da oferta para a gestão da escassez da procura**.

Infelizmente, em Angola, ainda **continuamos** numa **fase muito incipiente** de criação de uma **economia capitalista**, longe de termos uma **capacidade de produção instalada**, **conhecimento e mão-de-obra produtiva** que nos **proporcione a possibilidade de produzir o suficiente** para que tenhamos de nos preocupar com os **problemas da procura**.

**Para superar esta fase, necessitamos de actuar sobre a oferta, acumulando capital, conhecimento em geral e destreza laboral.**

**Comecemos pelo capital.**

Existe uma **imensa riqueza imobiliária** (terrenos e construções) completamente **inerte**, que é **urgente transformar em capital!**

**Parte do Executivo** tem manifestado alguma **vontade de resolver** esta questão, **justificando-a com a necessidade de aumento dos rendimentos do Estado**, através do IPU. Outra parte, porventura maioritária, **continua a defender o actual status quo**, típico da anterior acumulação primitiva, **onde a titularidade da propriedade é substituída pelas relações pessoais**: eu sou dono deste terreno, **não porque tenha pago o seu valor de mercado e possua um título que ateste a minha propriedade, mas porque tenho os conhecimentos e ligações pessoais que o atestam e mexem influências** de forma a que todos “saibam” que esta propriedade é minha.

**Não é possível ter uma economia capitalista com relações jurídico-sociais pré-capitalistas, baseadas nas ligações pessoais. Em todo o mundo**, para se ter uma forma de produção eficiente, **foi necessário** que estas **relações pessoais** tivessem sido **substituídas pela propriedade titulada**, de forma que a **riqueza material pudesse circular livremente e transformar-se em capital**.<sup>1</sup>

A **primeira medida** a tomar é pois o **registo urgente** de toda a **propriedade imobiliária** no campo e na cidade. O **incentivo imediato** até **pode ser** o IPU, mas o **objectivo** tem de ser a **criação de capital**. O **custo** de um **equipamento** de GPS e a **formação** de um **operador, bem como o software e operadores centrais**, serão **recuperados num tempo reduzido** com uma **cobrança mínima dos títulos** de propriedade. Esse é o **tipo de investimento** que, na semana passada, **considerámos imediatamente justificado porque apresenta um fluxo de caixa positivo: entra**, de forma directa, **mais dinheiro** nos cofres do Estado **do que sai**. Isto **sem falar do potencial futuro em sede de IPU**.

Haverá, com certeza, alguns **problemas e contradições que terão de ser resolvidos**, devendo abrir-se um **período de contestação e clarificação**, **findo o qual, toda a propriedade**, no território nacional, **deve estar registada e os respectivos títulos concedidos**. Porém, note-se que **estes problemas já existem** e estão constantemente a ser levantados, **prejudicando o investimento**. A

---

<sup>1</sup> Usamos aqui propriedade em sentido lato, como um conjunto de direitos que incide sobre uma coisa, incluindo o direito de uso e exploração por um período longo de tempo.

**titularidade** apenas **garante** que **serão tratados de forma sistemática e sem a pressão** do facto consumado.

O **registo e protecção efectiva da propriedade** permite que alguém que seja **possuidor de riqueza imobiliária possa usá-la como capital para iniciar um negócio**, dando-a de **hipoteca para obter um empréstimo, transaccionando-a ou alugando-a**, quer dizer, **transformando-o de riqueza imóvel em riqueza produtiva, em capital**; mas também **evita** os inúmeros **conflitos** que **impedem** que **pessoas com capital e conhecimento** levem **avante os seus investimentos** agrícolas, industriais e imobiliários **porque os “donos” aparecem**, a coberto de “declarações” pouco claras ou da simples presença das “autoridades”, e **fazem valer supostos direitos sobre os direitos de quem iria tornar aquela propriedade produtiva**. É evidente que, **assim, não iremos atrair capital** nacional ou estrangeiro.

Isto **para além das vantagens no ordenamento do território e capacidade de planificação da extensão racional das áreas urbanas**, criando áreas infra-estruturadas que gerarão rendimentos adicionais para o Estado.

A **segunda forma de acumulação de capital consiste na criação de instrumentos financeiros**. A **acumulação de capital é** perfeitamente **compatível com a dispersão da propriedade**. **Acumular capital nos negócios eficientes, mantendo dispersa a propriedade é o papel do sistema financeiro**, nomeadamente a **banca e as bolsas** de valores. É necessário existirem **instrumentos rentáveis que incentivem a poupança e a transformem em capital produtivo, não em entesouramento**, legal e ilegal, **em moeda estrangeira**. Além de ser, mais uma vez, **riqueza parada, improdutiva**, este entesouramento **pressiona a procura de moeda estrangeira desvalorizando**, desnecessariamente, o **Kwanza**. Os **instrumentos financeiros são coisas simples**; se não fosse assim não haveria tantos e tão variados. O que é complexo é o sistema de regras, procedimentos e práticas dos mercados financeiros sofisticados.<sup>2</sup>

Não precisamos de começar por aí. A **dificuldade em criar instrumentos financeiros e em por a funcionar a bolsa** só pode advir de uma **mentalidade distorcida, que nos faz querer começar com tudo o que há de mais sofisticado**. **Não é necessário e é prejudicial!** Temos de ser **criativos para captar os excedentes de tesouraria existentes, promover a poupança nacional e atrair a poupança externa** mas, de início, devemos **começar pelos mais simples, com relação directa com o desempenho da economia real: acções e obrigações**. Para emitir acções e obrigações **basta que existam bons negócios**, claramente explicados para a compreensão dos investidores, **leis que punam gravemente a desonestidade e contabilistas**. **Nada disto exige, hoje, recursos adicionais: é uma questão de vontade, não de dinheiro!**

O **impacto imediato pode até não ser tão profundo** como o resultante da primeira medida, **mas, a promoção da poupança nacional e a atracção da estrangeira garante um efeito mais prolongado e, por isso, mais eficaz a longo prazo**. Aliás, **deveria ter sido por aqui que a acumulação primitiva** devia ter acontecido: com o Estado a promover negócios eficientes com os rendimentos do petróleo, dispersando-os em bolsa. **Poderá ainda ser assim que o Estado privatize**, de forma transparente, o património recentemente recuperado.

Luanda, 6 de Janeiro de 2021

Heitor Carvalho

CINVESTEC

---

<sup>2</sup> E nem esse é assim tanto, como o demonstra a actual “guerra” entre os investidores individuais, concertados através de plataformas como a RobinHood, e os investidores institucionais.